

O gosto da vida: um estudo de metáforas na poesia brasileira

Aline Maria Araújo Freitas

Orientadora: Prof^a. Ana Cristina Pelosi de Macedo
Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: *The aim of this paper is to analyse the metaphor “APPEALING IS TASTY” on the light of the contributions by George Lakoff, Mark Johnson and Joseph Grady to the understanding of metaphors as a tool of cognitive processing rather than as a mere decorative resource used in language for rhetorical and other aesthetic purposes. The analysis, thus, focuses on the fact that, contrary to the traditional view, metaphors are an integral part of our cognitive system and constitute a primary means of meaning expression.*

PALAVRAS-CHAVE: *metáfora conceitual; processo cognitivo; sistema conceitual.*

1. Introdução

Ao longo do tempo, o estudo da linguagem figurada ocupou um lugar de desprestígio nos estudos lingüísticos e cognitivos, isso, devido ao fato desta ser considerada elemento lingüístico enganador, com função única de ornamentar e embelezar o discurso. As metáforas nesse contexto pertenciam apenas à linguagem poética; a linguagem cotidiana, desprovida de pretensões estéticas, não abarcaria tais metáforas. O Paradigma Objetivista vigente é o que propiciará esse tipo de pensamento, fazendo rígida distinção entre os dois tipos de linguagem: uma sem valor de verdade, portanto metafórica; outra com valor de verdade, portanto completamente literal.

A concepção de metáfora nesse contexto (em que se busca a verdade e a verdade está presente unicamente na linguagem literal) é de desvio de linguagem, uma vez que, burla-se a linguagem, dizendo-se uma coisa enquanto se expressa outra.

O *status* vigente da metáfora veio a ser questionado a partir da década de 70. Com a crise no paradigma objetivista e o surgimento do interesse no processamento de informações, o mero valor ornamental foi aos poucos deixado de lado para dar lugar a novas concepções de metáfora, sendo esta vista agora, como uma das mais fundamentais operações cognitivas (Zanotto, 1998).

A abertura da década de 70 para o estudo da linguagem figurada, foi terreno propício para elaboração da Teoria da Metáfora Conceitual proposta por George Lakoff e Mark Johnson na obra *Metaphors we live by* de 1980. A Teoria sistematiza o novo pensamento acerca da metáfora, colocando-a não como um desvio de linguagem mas sim como componente fundamental de boa parte do sistema conceitual humano. Nessa visão a metáfora fundamenta-se não propriamente nas expressões lingüísticas e sim no sistema conceitual que permite tais expressões.

O sistema conceitual desenvolve-se a partir experiências do homem com o próprio corpo e com o mundo que o cerca. Essa proposta é a idéia central do que os teóricos chamam de Experiencialismo. Negando tanto o paradigma Objetivista quanto o paradigma Subjetivista, o Experiencialismo nega o mundo independente do homem (Objetivismo), tanto quanto a independência do homem em relação ao mundo (Subjetivismo). O Experiencialismo postula que, o processo de conceitualização do homem se dá, primordialmente, a partir de suas experiências com o próprio corpo e com o mundo que o cerca.

A metáfora parte dessas experiências para constituir grande parte de nosso sistema conceitual. De forma que, nessa visão, o termo metáfora significa *compreender e experimentar um tipo de coisa no lugar de outro* (Lakoff & Johnson, 1980). Experiências menos delimitadas são compreendidas com base em experiências melhor delimitadas. Por exemplo, experiências emocionais são menos delimitadas que experiências perceptuais-motoras¹. Dessa forma fala-se de Amor (experiência emocional) em termos de Viagem (experiência perceptual-motora); isso se

dá devido a existência da Metáfora O AMOR É UMA VIAGEM² que sanciona expressões como “Chegamos ao fim dessa jornada” ou “Não podemos mais continuar juntos”.

Nessa nova perspectiva de discussão da natureza da metáfora, Lima(1999) sintetiza os seus principais pressupostos: *a sede da metáfora é o pensamento e não a linguagem, [...] ela é uma parte importante e indispensável na forma como o homem usualmente conceitualiza o mundo, [...] o comportamento humano cotidiano reflete a compreensão metafórica de suas experiências.*

De 1980 até então, a Teoria vem sendo analisada por vários estudiosos, o que resultou no surgimento de críticas e tentativas de aperfeiçoamento. Entre elas está a contribuição de Grady e colaboradores (1996) que, refinando a Teoria, apontam a Metáfora Conceitual como sendo o produto de experiências correlacionais distintas que têm como características a recorrência e a co-ocorrência. A exemplo temos a metáfora DESEJAR É TER FOME, analisada por LIMA (1999), onde se chega a conclusão de que a sensação de FOME é sempre experienciada ao lado do DESEJO por comida, como propõe a Teoria, essas são experiências distintas recorrentes e co-relacionais.

O presente trabalho insere-se no campo de investigação da teoria acima descrita. Levando em consideração a contribuição de Grady e colaboradores, tencionamos trabalhar a metáfora O ATRAENTE É GOSTOSO, demonstrando evidências de sua ocorrência quando se fala em “Vida”. Para tanto, utilizaremos trechos de alguns poemas da Literatura Brasileira.

2. O atraente e gostoso.

Como mencionamos acima, trabalharemos nesse artigo a metáfora O ATRAENTE É GOSTOSO. Retiramos a metáfora do trabalho de Grady (1997) intitulado “Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes.” Dentre a lista de metáforas propostas no trabalho está O ATRAENTE É GOSTOSO (APPEALING IS TASTY) que, segundo Grady(1997), tem como motivação a correlação entre nossa avaliação de sabor e o nosso estado de desejo³. O autor propõe ainda os seguintes exemplos como manifestações lingüísticas da metáfora: 1. “What **delicious** suggestion!?”; 2. “Even the thought about it that way leaves a **bad taste in my mouth.**”

Podemos citar aqui possíveis exemplos de expressões metafóricas referentes à metáfora estudada: falamos que pessoas são **gostosas**, **doces** ou **amargas**; falamos de um passeio **delicioso**, de uma tarde **gostosa** bem como, de preços que estão **salgados**, de um animal que é **dócil** ou mesmo do **amargor** da vida. Verificamos que, utilizar a avaliação de sabor para caracterizar pessoas, animais e coisas é bastante recorrente na linguagem ordinária, isso porque se faz a relação entre o atrativo e o sabor agradável, bem como o que não é atrativo com sabor desagradável.

De difícil definição, a vida humana é corriqueiramente descrita de várias formas: **a vida é cruel**; **a vida é curta**; **a vida é linda** ou até mesmo *A vida é doce*, como a imortalizou Fellini.

¹ Para uma contestação ver Grady (1996)

² As metáforas são apresentadas sob a forma mnemônica DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.

³ “The correlation between our evaluation of flavor and our state of desire.” (Grady, 1997: 292)

⁴ Estamos considerando a letra da canção popular como poema

Pesquisas em Lingüística e Literatura: Descrição, Aplicação, Ensino - ISBN: 85-906478-0-3

Interessa-nos expressões como **A vida é doce** ou mesmo **o amargor da vida** pois analisaremos aqui algumas ocorrências da palavra vida em que a ela se associa a avaliação de sabor.

Para essa análise faremos estudo introspectivo de expressões lingüísticas (Lakoff & Johnson, 1980) e utilizaremos um *corpus* de sete trechos de poemas brasileiros. Escolhemos poemas em que a *vida* é definida em termos de sabor, fazendo parte da seleção os seguintes poemas: (1) *In extremis*, de Olavo Bilac; (2) *Desencanto*, de Manuel Bandeira; (3) *Carinho Triste*, também de Manuel Bandeira; (4) *Coração Numeroso*, de Carlos Drummond de Andrade; (5) *Doce Vida* de Rita Lee e Roberto de Carvalho; (6) *O Açúcar* de Ferreira Gullar e (7) *O Que é O Que É*, de Gonzaguinha⁴.

3. Que gosto tem a vida? - análise das expressões.

Se fossemos classificar as expressões abaixo dentro da classificação tradicional de Figuras de linguagem, teríamos recursos sinestésicos permeando as expressões. A sinestesia trata-se, segundo Ferreira (1988), da:

Relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra que pertença a um domínio de um sentido diferente (p. ex., um perfume que evoca uma cor, um som que evoca uma imagem)

Nesta acepção, a percepção de sabor estende-se a um domínio diferente que seria a caracterização da vida. Não concordamos, contudo, com o fato dessa relação ter caráter espontâneo, pois segundo a Teoria da Metáfora Conceitual, essas correlações só são possíveis com base nas experiências do homem com o seu próprio corpo e com o mundo que o cerca (Lakoff & Johnson, 1980). Grady (1997) atribui motivações às metáforas e essas motivações têm base em experiências corpóreas. As relações entre domínio-fonte e domínio-alvo são estabelecidas com base na co-ocorrência e recorrência de experiências distintas. Dessa forma, o domínio-fonte abriga os inputs-sensoriais de base fisiológica e os impulsos enquanto o domínio-alvo abriga respostas, julgamentos e funções. Em O ATRAENTE É GOSTOSO, o domínio-alvo é ATRAENTE e o domínio-fonte GOSTOSO. Nesse caso o input-sensorial estaria em GOSTOSO, e a resposta cognitiva (neste caso específico, o julgamento a respeito da vida) estaria em ATRAENTE.

Podemos perceber o estado de desejo pela vida no julgamento de sabor que se faz, como aparece no seguinte trecho:

*Tão bela a palpitar nos teus olhos querida
A delícia da vida, a delícia da vida.*

No trecho acima Bilac demonstra seu estado de desejo vendo o gosto da vida nos olhos da amada. No caso o desejo pela vida é evidenciado positivamente com a palavra **delícia**; tendo um gosto muito bom, a vida é então atraente e agradável.

Ao contrário do que Bilac expôs, a vida pode ter um sabor bastante desagradável, manifestando assim uma repulsa à mesma:

*E nesses versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca*

Em *Desencanto*, de Manuel Bandeira, a vida que escorre pela boca, tem sabor amargo, **acre**. O poeta, desencantado com a vida, atribui a mesma um sabor desagradável que é a manifestação do seu estado de desejo, de atração pelo ato de viver. Em outro poema, *Coração Numeroso*, o mesmo autor volta a fazer nova relação entre vida e sabor, quando a vontade de viver é expressa pela palavra **gosto**:

*Só não é dele a tristeza.
Tristeza dos que perderam o gosto de viver.*

Perder o gosto de viver tem expressão também em *Coração Numeroso*, do poeta Carlos Drummond de Andrade. Quando os sonhos se acabam e a vida é “vontade de morrer”, aparece o dissabor, o **desgosto**:

*Meus paralíticos sonhos desgosto de viver
(a vida para mim é vontade de morrer).*

Rita Lee e Roberto de Carvalho, para demonstrar o prazer pela vida e a atração pela mesma, entre outras coisas, usam a expressão **Doce vida**:

*Doce vida essa minha
Livre como uma andorinha
Que fugiu de uma gaiola
Pra poder cantar melhor.*

Em *O Açúcar*, de Ferreira Gullar, a vida difícil, sem atrativos dos trabalhadores de Engenheiros de cana-de-açúcar, aparece na expressão **vida amarga**:

*Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que eu adoço meu café esta manhã em
Ipanema.*

Para finalizar, analisaremos um trecho de *O Que É O Que É*, de Gonzaguinha:

*E a vida?
E a vida o que é
Diga lá, meu irmão?
Ela é a batida de um coração?
Ela é uma doce ilusão?*

O autor comparando a vida a uma *doce* ilusão, confirma mais uma vez a relação entre a avaliação de sabor e o estado de desejo.

4. Considerações finais

Verificamos a ocorrência da metáfora Conceitual O ATRAENTE É GOSTOSO em alguns poemas da Literatura Brasileira. Embora tenhamos nos utilizado desse gênero que é muito estudado sob o viés da teoria tradicional da metáfora, tentamos focar os aspectos conceituais que estariam por trás das expressões analisadas.

A partir de estudos como esse podemos observar o quanto a metáfora estrutura nosso pensamento, nossa lógica e nossa visão de mundo, de modo que, refletida na linguagem verbal é capaz de gerar uma produtividade lingüística bastante significativa, o que nos faz concluir que boa parte do processo criativo que usamos na linguagem, inclusive na artística, é influenciado por metáforas conceituais.

A metáfora deve ser portanto, cada vez mais, distanciada da condição de ornamento supérfluo, para ocupar a condição de elemento fundamental em processos cognitivos que licenciam grande número de expressões lingüísticas dentro da linguagem cotidiana, ou mesmo fora dela.

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Ediouro, Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da língua Portuguesa*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988.
- GRADY, Josephy E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD dissertation, University of California, Berkeley, 1997.
- LAKOFF, George & JOHNSON. *Mark. Metaphors we live by*. London: the University of Chicago Press, 1980.
- LIMA, Paula Lenz Costa. *DESEJAR É TER FOME: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- MORICONI, Italo(Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.